

proposta

'qual o MEU desenho?'

EMENTA

Desenhar é um impulso humano, é uma atividade que nos ajuda a entender o mundo. Tendemos a achar que é um talento de alguns poucos, mas não precisaria ser assim. Toda criança desenha. Mas em algum momento muitos de nós param e acham que não sabem desenhar. “Qual é o MEU desenho?” propõe devolver a você o hábito de desenhar, tornando-o uma atividade prazerosa. Para aqueles que já desenhavam, desenvolver ainda mais a sensibilidade gráfica. Vamos explorar a ampliação da sua percepção visual e diversas possibilidades de desenho, para que você amplie sua noção sobre o desenho e encontre sua forma singular de lidar com essa linguagem.

OBJETIVOS

A oficina propõe desenvolver/devolver a capacidade de desenhar através de práticas diversas, aproximando o aluno da prática do desenho como uma atividade regular em seu cotidiano, expandindo suas capacidades cognitivas e instaurando um novo conceito pessoal sobre o que é o ato de desenhar.

JUSTIFICATIVA

Se considerarmos que o desenvolvimento cognitivo é um processo contínuo de interação entre modos diferentes de cognição, os tipos qualitativamente diferentes de cognição não são simplesmente características de diversas fases de desenvolvimento. As diferentes habilidades cognitivas humanas inatas podem ser desenvolvidas em níveis mais ou menos elevados ao longo de todo o processo educativo.

Porém, geralmente a partir da alfabetização, a criança recebe cada vez menos estímulos para continuar desenhando e vai diminuindo significativamente essa atividade. A escrita requer habilidade manual e portanto evidencia que a questão do ‘abandono’ do desenho não está relacionada às capacidades/maturidades físicas. O que muitas vezes acontece é que as conexões neuronais entre as atividades motoras específicas manuais vão sendo reforçadas nas áreas cerebrais relacionadas à linguagem verbal e diminuem nas áreas não-verbais. Como resultado da plasticidade cerebral, se não existe a prática, ocorre uma queda vertiginosa das conexões neuronais motoras e a atividade cerebral não-verbal (que caracteriza o desenho), e as atividades de expressão gráfica perdem “terreno” no mapa cerebral. O que já foi hábito deixa de ser. Desenhar se torna um processo penoso, porque a relação motora com a atividade não-verbal foi perdida.

METODOLOGIA

A ideia é recuperar a relação entre atividade motora e a atividade não-verbal do desenho. Além de restaurar essa relação, vamos explorar a ampliação da percepção visual e sua correlação com a expressão do gesto através de práticas de consciência corporal derivadas do Método Feldenkrais.

Em termos de atividade plástica /gráfica vamos dar uma ênfase na prática cotidiana do desenho para criar hábito e caminhos neuronais (relação mente/olho/mão). Vamos focar na linha como elemento gráfico primordial para abordar noções como espaço, ritmo, figuração/abstração, desenho de observação (colocando os próprios alunos como modelos em algumas situações), desenho de imaginação, desenho projetivo, explorando dimensões e materiais variados.

HÁBITO

Para criar o hábito de desenhar é preciso prática e repetição. Assim, cada aluno vai desenvolver seu DIÁRIO DA LINHA, um caderno sem pauta, para fazer registros diários. A ideia é que o caderno tenha pequenas dimensões (algo como A5 ou menor), para que o aluno carregue com ele o máximo possível. Será pedido que seja feito pelo menos um desenho por dia até a aula seguinte.

Além da implementação do hábito, essa atividade visa evidenciar o universo de interesse de cada aluno, pois não haverá um tema específico geral. Cada aluno vai buscar o que o inspira.

A cada aula vamos sortear cadernos para conversar juntos sobre o que percebemos, para irmos desenvolvendo também um vocabulário específico da linguagem gráfica. O dono do caderno não apenas ouvirá, mas também poderá relatar sensações, emoções, descobertas.

O GRUPO

O foco das atividades individuais acontecerá fora da aula pelo DIÁRIO DA LINHA e outros exercícios para casa, que possam ser pedidos ao longo da oficina.

Durante a aula vamos priorizar o desenho coletivo, em diversas atividades, aproveitando o espaço da sala propício a trabalhar dimensões maiores de papel.

REFERÊNCIAS

Trazer referências de tipos diversos de desenhos (e não exclusivamente de artistas plásticos consagrados) vai ser um tipo de atividade que não será apenas minha, mas também deles. Assim, vamos compartilhar gostos e descobertas e desenvolver um capital cultural.

MOSTRA

Idealmente imagino uma exposição dos trabalhos da oficina. Decidir o que mostrar e como fazer isso seria um ponto de decisão tomada pelo grupo. A ideia é aqui desenvolver o “desenho da mostra”, pensar em termos projetivos também é praticar o desenho.

MATERIAIS

A quantidade dos materiais na lista abaixo vai variar conforme o número de alunos:

rolos de sulfite
lápiz grafite de diversas durezas (de H a B)
carvão
pastel oleoso preto
spray fixador
fita crepe
blocos de canson A2
diários da linha (cadernos A5 ou menor sem pauta)

Como em aula o foco será nas atividades grupais, se for possível, o ideal é ter um material coletivo mínimo e os alunos podem trazer materiais específicos que os interessem ao longo do curso.

SALA

Atelier de arte ou uma sala com bastante espaço livre e mesas coletivas.

PÚBLICO

Idealmente 10, até 15 alunos.

Mirla Fernandes
(11) 98290 6651
mirlaf@gmail.com

www.estudionetuno.com
[@mirlafernandesarte](https://www.instagram.com/mirlafernandesarte)
www.cargocollective.com/mirlafernandes